

Moratória põe fim à expectativa dos credores

Silvio Ferraz
Correspondente

Washington — A declaração de moratória pelo Brasil é um ponto final nas expectativas da comunidade financeira de Nova Iorque. Já há algum tempo os sismógrafos de Wall Street indicavam a ocorrência de grandes abalos na situação econômica brasileira neste primeiro trimestre. A queda na receita das exportações — fonte principal de geração de recursos para pagar a dívida externa — indicava que em breve as reservas brasileiras estariam esgotadas. Os banqueiros estavam preocupados ontem com o tom que o governo brasileiro emprestaria à sua declaração de moratória. “Se o presidente Sarney explorar o gênero populista, pedindo a união do povo contra a ganância dos banqueiros internacionais, aí a coisa vai ficar feia na mesa de negociação”, afirmou um importante banqueiro de Nova Iorque. — Outro frisou a importância de uma aproximação essencialmente técnica para o problema da dívida. “Se o presidente disser que a economia brasileira sofre de um problema cíclico, onde as exportações no primeiro trimestre são sempre mais baixas, que não deseja ver o nível das reservas nacionais abaixo de 3 bilhões de dólares, e que por isso pediu a moratória para negociar, tudo bem. Iremos para as conversas encarando objetivamente os fatos. Politizar esta questão será o erro maior”, ponderou.

Os banqueiros em Nova Iorque já tinham desenhado círculos vermelhos em seus calendários: 1º de março. Nesta data, ou em torno dela, acreditavam, viria a suspensão do pagamento da dívida externa pelo governo brasileiro. A deterioração da situação econômica brasileira está sendo acompanhada com muita atenção pelos departamentos econômicos dos bancos, que admitem ser o peso do pagamento dos juros um complicador para o Brasil. Por outro lado, alertam para o fato de terem as autoridades econômicas brasileiras negligenciado no acompanhamento do Plano Cruzado. “Acreditaram que o congelamento de preços seria a solução para todos os males”, comentou um analista. “A hiperinflação que vive o país deve ser debitada à conta exclusiva das autoridades brasileiras e no clima de desgover-

no reinante nestes dois últimos meses”, confidenciou outro banqueiro.

No quadro de moratória levanta-se uma série de especulações e ainda não se sabe como as autoridades brasileiras pretendem encaminhar as negociações e tampouco quanto pedirão de recursos adicionais aos bancos. Uma coisa é certa: a situação dos bancos brasileiros no exterior novamente ficará ameaçada. Na terça-feira última, segundo informações de uma alta fonte bancária de Wall Street, a agência do Banco do Brasil em Nova Iorque já teve dificuldades para fechar as suas contas do dia. Foi socorrida pela **rede de segurança** formada pelos cinco maiores bancos credores, que injetaram 300 milhões de dólares para possibilitar o fechamento do dia. “Com a moratória, talvez não haja disposição dos banqueiros locais para agir com tanta rapidez”, ponderou uma fonte do mercado no-vaioquino.

Na comunidade financeira de Nova Iorque, o banco que está mais duro com relação à situação brasileira é o Citibank. Já no início do ano, recusou-se a dar tratamento privilegiado ao Brasil — redução nos **spreads** e dilatação dos prazos de pagamento —, preferindo manter estas condições apenas para o México. Os demais bancos, ao contrário, optaram por uma aproximação cautelosa da situação brasileira, buscando meios que possam levar a uma boa solução para as duas partes. O caso do Citibank é especial. Com o Brasil representando 28% dos lucros totais de suas operações e tendo emprestado 6,5 bilhões de dólares ao país, a alta direção do banco não quer reduzir esta fonte de lucros.

“O objetivo do Citibank é manter o Brasil e a Argentina como fontes de receita, compensando perdas em outras atividades”, esclareceu um corretor de Nova Iorque. Não se descarta a possibilidade — como ocorreu no caso chileno, onde o Citibank igualmente estava criando dificuldades — de o **Federal Reserve Board** ou mesmo o secretário do Tesouro exercer pressões sobre o Citibank de forma a facilitar as negociações com o Brasil. “Afinal, não é interesse do governo americano ver um pipocar de crises na América Latina”, enfatizou um banqueiro.